

ASCENSÃO E OCASO DAS PRAÇAS PIO X E PEDRO VELHO EM NATAL- RN

Frederico Augusto Luna Tavares

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

augustoluna@hotmail.com

Para entendermos as práticas de sociabilidade em Natal, especificamente nas duas praças dos dois bairros mais elitizados, Tirol e Petrópolis, devemos compreender como se deu o crescimento da cidade no início do século XX. As primeiras décadas dos 1900 em Natal são um período emblemático no que se refere ao planejamento urbano local. O Estado contratou profissionais estrangeiros para pensar, traçar, planejar um novo bairro - a Cidade Nova. Delimitou ruas, criou novos espaços, instituiu dispositivos jurídicos que deveriam ser obedecidos pelos moradores. Enfim, preparou a cidade racionalmente para o futuro que já se fazia presente em diversas capitais do mundo, aqui sendo desejado por suas elites.

Símbolos deste planejamento urbano, os bairros de Tirol e Petrópolis, nascidos ainda no início do século XX como Cidade Nova, é a testemunha maior de como um espaço criado para atrair um público abastado, e que ainda não contava com a infraestrutura necessária enquanto passava a atrair moradores. Frutos dessa ocupação, os palacetes e as casas residenciais iam aos poucos ocupando terrenos que chegavam a ter a dimensão de um quarteirão.

Tais mudanças se concretizaram com a chegada da energia e do bonde elétricos, surgiam divertimentos como o cinema, a vitrola e o rádio massificando a música; a ciência fazia novas descobertas, a medicina aumentava a chance de cura de doenças, estimulava-se o consumo de bens materiais. Do início do século passado até os anos 1960, a cidade cresceu e mudou sua geografia. Fazemos referência ao espaço¹ comparando Natal a um sistema de signos, cuja urbanização se concretizou num

¹ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p.202.

crecente, ora lenta, com a ocupação da Cidade Nova, ora acelerada, com a Segunda Guerra Mundial.

Dessa forma, o encontrar e se encontrar, traçar rotas, as narrativas das ações que compõem, como diz Michel de Certeau², “uma ordem espacial”, são representadas, numa perspectiva relacional, na escolha dos cidadãos dos bairros estudados à confirmação do uso de seus espaços. As práticas cotidianas estabelecem códigos sublevados que são apropriados pelos sujeitos. Encaramos estas possibilidades múltiplas defendidas por este autor por acreditarmos na imbricação entre espaço e lugar como uma tradução que se sucede, se mantém e se renova.

Com a apropriação dos cidadãos ressignificando os lugares de sociabilidades e elegendo aqueles que mais os convém, testemunhamos experiências acentuadas pelos relatos desses sujeitos históricos que, como diz Certeau, “incessantemente transforma lugares em espaços e espaços em lugares”. As narrativas se apresentam essenciais neste momento de reconstrução.

A cidade do Natal nas primeiras décadas dos 1900 passou a receber uma série de novos investimentos que mudariam e ampliariam o seu traçado urbano. O fato já vinha acontecendo em diversas cidades mundo afora, e aqui, no Brasil, se fazia presente mais contundentemente no Rio de Janeiro – Capital Federal.

Para fazer parte dessa tendência, estes melhoramentos visavam atuar em diversas frentes na cidade de Natal:

O projeto consistiu equipá-la com os elementos idealizados para uma cidade moderna, regular e higiênica: modernizar, investir em novos serviços, calçamento, ruas largas e limpas, áreas verdes, embelezamento das fachadas, asseio e higiene³

Uma das mudanças mais importantes nesse contexto foi a ascensão e o declínio do caráter elitista de alguns logradouros, como a Praça Pedro Velho, ambiente bastante

² CERTEAU, Michel de. Id. p. 177.

³ SANTOS, Pedro A. de L. A questão sanitária e o disciplinamento de Natal: 1850 – 1935. In: FERREIRA, Ângela L. de A; OLIVEIRA, George P. de (Org.). **Natal**: intervenções urbanísticas, morfologia e gestão da cidade. In: Natal, RN: EDUFRN, 2006, p.40.

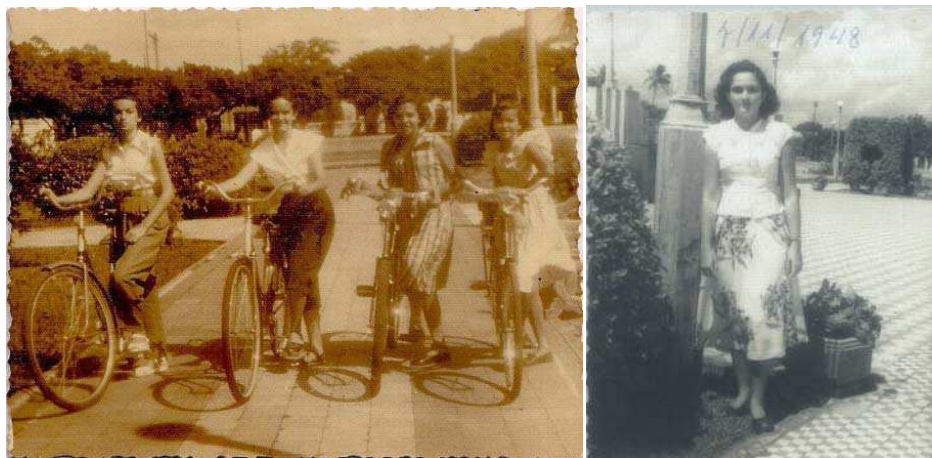
frequentado pelos habitantes da cidade, em especial pelos moradores de Petrópolis. Seu grande espaço, que tanto valorizava as relações sociais quanto o próprio bairro, congregava com pompa e simbolismo eventos marcantes da cidade. Durante muitos anos, foi a principal referência pública de lazer da cidade, principalmente de Petrópolis.

Criada em 30 de dezembro de 1901 pelo Presidente da Intendência Municipal, Joaquim Manoel Teixeira de Moura, em homenagem um dos mais importantes líderes do movimento republicano no Estado, Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, foi oficialmente inaugurada pelo prefeito Gentil Ferreira de Souza em 1937⁴.

Às vésperas do final da II Guerra Mundial, que viria a acontecer dia 8 de maio com a capitulação da Alemanha, Natal, ainda repleta de militares dava prosseguimento a outras manifestações artístico-militares que cada vez mais acontecia na parte alta da cidade. E um destes lugares era a Pracinha. Com o final da Guerra, grande festa ocorrera ali, tornando-se um grande palco a céu aberto para as manifestações populares.

A Praça tinha diversos equipamentos, por isto mesmo, congregava diferentes públicos que para lá iam em busca de usufruir de seus momentos de lazer. Havia um artístico coreto, quadras de basquete e voleibol, parque infantil, tanques que funcionavam como aquários para aves e quelônios e um bar em formato de avião. Com seus jardins com pés de fícus tosados em formatos de animais, casinhas, bancos, os ladrilhos ideais para o *footing* de fim de tarde ou os passeios de bicicleta, faziam da praça um ponto de encontro dos mais concorridos das famílias e da juventude natalense.

⁴SOUZA, Itamar de. **Nova História de Natal**. 2. Ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2008, p.411.



FOTOS 07, 08 e 09 – Três momentos da Pracinha e alguns de seus diversos usos. Andar de bicicleta nos anos 1950 (foto acima, à esquerda, cedida por Luiza Dantas). À sua direita, Nilda Cunha Lima aos 13 anos (foto cedida) e, abaixo, o *footing* pelos caminhos ladrilhados e jardins decorados e bem cuidados (fonte: CD Natal 400 anos, autoria de Jaeci).

Digna de um grande espaço que tanto valorizava as relações sociais quanto o próprio bairro de Petrópolis, era na Pedro Velho que se congregavam, com pompa e simbolismo, eventos marcantes da cidade. Inúmeros jogos foram realizados nas duas quadras da referida praça. Os embates de vôlei e basquete, fossem por pura diversão ou até na realização de campeonatos de clubes da cidade, marcavam o encontro dos jovens que se reuniam semanalmente, à noite ou nos fins de semana, para praticar esporte, quase sempre, sob os olhares femininos que já flertavam com os garbosos rapazes que caprichavam nas cortadas e nas cestas.

Preferência de muitos e referência, na cidade, em beleza e oportunidades de lazer, a praça nem sempre significava o programa ideal para todos. Talvez pelo fato de não existirem novidades no seu uso, a preferência não era unanimidade. Com as relações sociais se entrecruzando e as opções para se aproveitar o tempo livre sendo repetidas e seus códigos (re)conhecidos, a vivência no bairro simbolizava na Praça, justamente por permitir concentrar opções onde a diversão tinha dia, hora e lugar para acontecer.

Porém, nem sempre os seus frequentadores se comportavam como mandavam os preceitos da época. Algumas turmas de “numerosos rapazes desocupados”, por exemplo, aproveitavam o avançar da noite para fugirem das regras da boa convivência – e vizinhança – promovendo algazaras na *square*, perturbando a tranquilidade das famílias quando era hora do repouso da noite⁵.

Este quadro foi acompanhado por um processo de decadência dos serviços e da manutenção do logradouro. A Praça Pedro Velho testemunhou as transformações que iam modificando Petrópolis, seja pelo passar dos anos ou pela negligência da administração da prefeitura local. Os problemas eram diversos, como a falta de infraestrutura básica relacionada ao fornecimento de energia, chegando a ficar longos períodos às escuras, excedendo um ano inteiro de breu.

Símbolo do planejamento urbano da cidade, entretanto, a Pedro Velho era a única grande praça da cidade. Muitas vezes esquecida, quase abandonada. A interrupção do fornecimento de água, vital para manter vivas as tartarugas nos tanques e regar as plantas e árvores, que formavam um belo conjunto ao lugar, era outra prova do descaso com aquele logradouro, orgulho dos moradores.

A elite natalense, já passou ali, assistiu jogos de Basket e voley em sua quadra, retretas em seu coreto, agora apenas recordação de antanho⁶

Esta mesma elite, a que se refere a publicação, era assídua no bar – que vendia lanches, refrescos e cigarros -, e no coreto, com suas retretas nas noites de quinta-feira e

⁵ **A Ordem**, 05.04.1947.

⁶ **Tribuna do Norte**, 06.12.1953.

nas tardes de domingo -, “faziam daquele ambiente um convívio sadio e atrativo, para o qual para ali convergia uma sociedade bem seleta”⁷.

O parquinho infantil era um dos mais procurados pelas crianças, principalmente nas tardes dos fins de semana. Tinha balanços, gangorras, escorregos, trapézios, círculos e árvores. As sombras contribuía para se ampliar a utilização dos equipamentos pelas crianças, cuja frequência aumentava bastante nos finais de tarde, principalmente aos sábados e domingos. Mas esta pujança não era contínua. O mato crescia e começava a ocupar a área dos brinquedos. As tartarugas, que faziam a alegria e a curiosidade da criança, jaziam abandonadas entre lodos, galhos de pés de ficus benjamina e outros rejeitos.

Eleger a praça como uma referência para a diversão era possibilitar relações sociais que variavam de acordo com o que se buscava e o que o equipamento oferecia. Assim como a Pedro Velho, a Praça Pio X, localizada mais próxima ao centro da cidade era ladeada por importantes instituições de lazer de Natal como o Cinema Rio Grande, a Sociedade de Cultura Musical, o Centro Social Divina Providência e ficava defronte a Rua João Pessoa, ligação direta com o Grande Ponto, local de passeio e ponto de encontro da boemia natalense durante muitos anos, vivia situação parecida.

A Praça Pio X, oficialmente inaugurada em 1944, foi construída em um terreno que pertencia à Arquidiocese de Natal; tinha coreto e foi um dos equipamentos públicos que passaram a ter postes com luz elétrica instalados na primeira década do século XX⁸. Palco de grandes comícios políticos entre 1945-1955, fora devolvida para dar lugar à Catedral de Natal⁹.

⁷ **Tribuna do Norte**, Id.

⁸ COSTA, Ricardo José V. da. **Habitação e Modernização**: Cidade Nova e maneiras de viver em Natal no início do século XX. Dissertação. Natal/RN, 2008, p. 72.

⁹ A primeira reunião “oficial” para definir a construção da nova catedral da cidade fora captaneada pelo Bispo Auxiliar, Dom Eugênio Sales. Para o encontro, foram convidadas diversas personalidades “sociais e financeiras” de Natal. Naquele momento, a cidade tinha 100 mil habitantes. A ideia era levar adiante a “campanha do cruzeiro”, que previa a contribuição de cada morador com o valor unitário da moeda. A Catedral da Cidade só viria a ser inaugurada, de fato, no início dos anos 1980.

Sua amplidão era ideal para eventos de grande porte, quando os cidadãos iam e assistiam aos acontecimentos com conforto, livres do empurra-empurra característicos das ruelas da cidade antiga. A infra-estrutura era formada por um restaurante – a Peixada Noturna, bastante procurada para jantares reunindo a classe política, empresarial, juízes – e por um coreto. O espaço da praça era cenário aberto para retretas, concertos, manifestações políticas e estudantis, comemorações escolares, quermesses, além de servir ponto de encontro agradável quando a noite caía e o calor se dissipava.

Estava localizada ao lado do Cine Rio Grande e não muito longe de outro ponto de convergência social da cidade: o Grande Ponto, na Avenida Rio Branco com a Rua João Pessoa. Talvez por se situar mais próxima do centro (e pela própria liberdade concedida à sociedade da época, de sair de casa à noite e ficar até horas mais avançadas), atraísse mais frequentadores do gênero masculino.

O contexto político no período era marcado pelo retorno do regime democrático, que foi acompanhado pela apropriação política e recreativa desses espaços. Se na Praça Pedro Velho predominava uma série de usos cívico-militares, na Pio X prevalecia uma maior presença de manifestações não oficiais. Os acontecimentos políticos de 1945 confirmaram a importância e a escolha das praças como locais ideais para as manifestações. Amplas, recebiam pessoas de todas as classes sociais, muitas vezes, espremidas umas contra as outras, a depender da importância do evento ali realizado. O povo ia à rua, mesmo sob momentos de tensão política, comparecendo aos desfiles, comícios, comemorações.

Apesar de se caracterizarem como espaços democráticos, por vezes, a praça foi alvo de sanções. Em 1945, a Pio X foi uma das preferidas pelos comunistas, que pretendiam ali realizar um “comício-monstro” em comemoração ao dia da Pátria. Entretanto, com as regras impostas pelo Departamento de Segurança Pública naquele ano, a realização dos comícios deveria seguir uma série de protocolos, desde comunicar à chefia policial o dia, a hora e o local, até se comprometerem em manter a ordem e o respeito às autoridades e partidos políticos, etc. Essas reuniões com fins políticos chegavam a atrair também o público feminino; algumas, com grande número de

oradoras que subiam à tribuna¹⁰. Naquele ano, a Pio X se firmava como um dos poucos locais públicos liberados para a realização de comícios - e um dos preferidos pelos políticos, visto sua ampla área livre.

A finalidade da manifestação poderia ser política, mas o público promotor – assim como o que comparecia - nem sempre eram os mesmos: a estudiantada cidadina fez campanha em prol do funcionamento da Faculdade de Direito com grande passeata pelas ruas da cidade. Para finalizar, um grande comício aconteceu às 20 horas na Pio X, com a presença de vários oradores, muitos portando cartazes, quando compareceram cerca de duas mil pessoas que aplaudiram os estudantes, transformando aquele momento em outro “comício monstro”¹¹. Candidatos em campanha à Presidência conseguiam reunir grande público; sabiam da importância simbólica da Praça, que funcionava como uma espécie de “termômetro” medidor do “sucesso” de eventos tais. Alguns reuniam oito mil pessoas em comícios na Pio X.



FOTO 10 - A Praça Pio X nos anos 1940. Ampla, ladrilhada, com belos postes, tinha no centro a Peixada e um pequeno restaurante. As poucas árvores em comparação com o terreno faziam-na ficar praticamente deserta durante o dia, com a afluência de cidadãos sendo mais freqüente à noite. À sua frente, a Avenida Deodoro da Fonseca, por onde ainda passavam os bondes. Fonte: Blog Natal de Ontem. <http://nataldeontem.blogspot.com/search?updated-max=2010-03-14T21%3A29%3A00-03%3A00&max-results=5> Acesso em 02.06.2011.

¹⁰ LIMA, Jailma M. de. **Partidos, Candidatos e Eleitores**: o Rio Grande do Norte em campanha política (1945-1955). Tese. Universidade Federal Fluminense, Niterói-RN, 2010, p. 75.

¹¹ **Tribuna do Norte**, 10.12.1953.

Os grandes espaços vazios das praças eram bastante procurados para sediarem acontecimentos de grande diversidade. A Praça Pio X era ideal para a realização de eventos coletivos e mostras artístico-culturais e econômicas. Muitas exposições foram montadas ali. A economia, por exemplo, era apresentada na Feira de Amostras Praça Pio X que reuniu a exposição dos municípios, mais indústria e comércio do Estado. Todas as noites, grandes shows fechavam a programação diária, com a participação de artistas do rádio e do cinema. Entretanto, o saldo do acontecimento deixou marcas no logradouro, principalmente nas árvores, na grama e nos canteiros arrebetados¹².

Porém, apesar de ser a preferida para sediar grandiosos eventos reunindo multidões e servindo de lugar para outras manifestações, o aspecto físico do logradouro nem sempre mereceu cuidados da administração pública. A fase de abandono culminava com a efetivação da apropriação do espaço por conta do seu verdadeiro dono. A amplidão da praça, de onde se enxergava de ponta a outra do quarteirão, se viu enclausurada, privada e impedida do seu uso, frustrando a contemplação, tal qual se publicou na época:

Primeiro, mataram suas flores, derrubaram seus jardins (...). Depois, levantaram aquele muro horrível, medonho e sombrio, que lhe dava um ar de estranha Sing-Sing*, plantada dentro da cidade.¹³

A Igreja católica buscava reaver um bem que era seu, mas que por muito tempo sua legitimidade foi dada por outros personagens. Da Pio X, o que se salvaram foram as lembranças, as fotografias e as histórias de quem lá viveu momentos importantes da cidade, antecipando o futuro cujo ladrilho voltaria a ser composto por simples quadrados de areia e mosaico.

CONCLUSÃO

Tirol e Petrópolis vêm se configurando desde a década de 1980 como bairros cada vez mais adensados. A especulação imobiliária contribui para mudar sua feição

¹² **Tribuna do Norte**, 11.01.1952.

¹³ **Tribuna do Norte**, 18.01.1957.

*Prisão localizada a 50 Km de Nova Iorque, Estados Unidos.

urbana, cujas casas e palacetes dão lugar a serviços médicos, como clínicas, hospitais, restaurantes e lojas voltadas para o mercado de luxo, como as butikues.

As duas praças de Petrópolis e Tirol tiveram seu apogeu e ocaso ao longo das décadas que se seguiram. Além de funcionarem como um espaço de recreação e lazer, eram escolhidas como local de manifestações de caráter político e reivindicatório. Também foram lugar de apresentações culturais e religiosas, passaram a ser usadas para fins cívicos, principalmente depois do término da II Guerra Mundial.

Entretanto, muitas vezes esquecidas, quase abandonadas. De reformas que diminuiriam o tamanho de uma, ao completo desaparecimento da outra do mapa da cidade, foram testemunhas da história natalense, configurando-se em locais de manifestações cívicas, políticas, apresentações musicais, esportes, pátio para brincadeiras e passeios.

BIBLIOGRAFIA

A Ordem.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COSTA, Ricardo José V. da. **Habitação e Modernização**: Cidade Nova e maneiras de viver em Natal no início do século XX. Dissertação. Natal/RN, 2008.

LIMA, Jailma M. de. **Partidos, Candidatos e Eleitores**: o Rio Grande do Norte em campanha política (1945-1955). Tese. Universidade Federal Fluminense, Niterói-RN, 2010.

SANTOS, Pedro A. de L. A questão sanitária e o disciplinamento de Natal: 1850 – 1935. In: FERREIRA, Ângela L. de A; OLIVEIRA, George P. de (Org.). **Natal**: intervenções urbanísticas, morfologia e gestão da cidade. In: Natal, RN: EDUFRN, 2006.

SOUZA, Itamar de. **Nova História de Natal**. 2. Ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa.

Tribuna do Norte.

**II SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
SOCIEDADE E CULTURA
DE 07 A 10 DE NOVEMBRO DE 2011**

ISSN: 2176-4514